

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS — UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Cadernos de Geografia

TERCIARIZAÇÃO DOS ESPAÇOS RURAIS *

BREVE ESTUDO COMPARATIVO NA ÁREA PERIURBANA DE COIMBRA

MARIA DE LURDES ROXO MATEUS **

RESUMO

A dicotomia rural/urbano assenta no pressuposto de que ao espaço rural, domínio de agricultores, se opõe o espaço urbano, animado por industriais, comerciantes e prestadores de serviços.

De facto, o espaço rural tem sido tradicionalmente identificado com a actividade agrícola e definido como um espaço extenso — onde se dispersam pequenos aglomerados populacionais — funcionalmente pouco diversificado e dotado de acentuada autarcia económica e funcional.

Contudo, esta caracterização do espaço rural, em oposição ao espaço urbano, que assenta basicamente na dimensão das aglomerações, na diversidade das funções e desigual intensidade das trocas, não corresponde senão a uma primeira etapa do desenvolvimento económico. Caracterização apenas válida enquanto o poder de absorção da cidade se exerce não só sobre os produtos provenientes do sector agrícola, mas também sobre os homens, que abandonam os campos e um modo de vida duro e pouco compensador.

À medida que o processo de desenvolvimento global da economia se acelera, manifestam-se forças que podem compensar a «atração urbana» por fenómenos de «difusão urbana». A existência de modos de transporte rápidos e acessíveis, conjugada com a elevação do nível de vida, podem levar à difusão da cidade no campo envolvente. Assim, ruralizam-se funções até aqui reputadas de urbanas e o espaço rural deixa de ser dominado pela actividade agrícola e advém suporte residencial e área de localização preferencial de muitas indústrias e actividades de comércio e serviços.

* Comunicação apresentada nas II Jornadas de Geografia Humana (Coimbra, 22 a 24 de Janeiro de 1991).

** Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

O crescimento dos núcleos de povoamento rurais, a elevação do nível de vida, o aumento do poder de compra dos residentes (alógenos ou não ...) bem como a sua crescente exigência em termos de qualidade de vida, são alguns dos factores que favorecem a implantação rural de actividades terciárias.

É sobre a análise da terciarização das áreas rurais que irá incidir a nossa comunicação. Privilegiaremos o estudo da terciarização das áreas periurbanas, nomeadamente da cidade de Coimbra.

RÉSUMÉ

La dichotomie rural/urbain part du présupposé qu'à l'espace rural, domaine des agriculteurs, s'oppose un espace urbain animé par des industries, des commerces et des prestataires de services.

En effet, l'espace rural a été traditionnellement identifié à l'activité agricole et défini comme un espace étendu — où se dispersent de petites agglomérations — aux fonctions peu diversifiées et dont l'autarcie économique est fortement marquée.

Toutefois, cette caractérisation de l'espace rural par opposition à l'espace urbain réside principalement dans la dimension des agglomérations, la diversité des fonctions et l'intensité des échanges. Ceci correspond à une première étape du développement économique, révélatrice quant au pouvoir d'absorption que la ville exerce non seulement sur les produits de la campagne mais aussi sur les hommes qui abandonnent les champs et une vie dure, pauvre en compensations.

A mesure que le processus de développement global de l'économie s'accélère, apparaissent des forces capables de compenser l'«attraction urbaine» par des phénomènes de «diffusion urbaine». L'existence de moyens de transport rapides et accessibles auxquels s'ajoute l'augmentation du niveau de vie peuvent déboucher sur la diffusion de la ville dans la campagne environnante. C'est ainsi que se ruralisent certaines fonctions, jusque là réputées urbaines, et que l'espace rural cesse d'être dominé par l'activité agricole pour devenir support résidentiel et aire de localisation préférentielle de nombreuses industries, commerces et services.

La croissance des noyaux de population rurale, l'élévation du niveau de vie, l'augmentation du pouvoir d'achat des résidents (allogènes ou non) de même que leurs exigences en matière de qualité de la vie comptent parmi les facteurs d'implantation rurale d'activités tertiaires.

C'est de la tertiarisation des zones rurales que traitera notre communication. Nous privilégierons les zones périurbaines, en particulier celles qui entourent la ville de Coimbra.

SUMMARY

The rural/urban dichotomy works on the assumption that rural space, the agriculturalists domain, opposes urban space, which is controlled by industrialists, businessmen and those who work in the service industries.

In fact, rural space has traditionally been identified with agricultural activity and defined as a large area, sparsely populated, with little occupational diversity and considerable economic and functional autonomy.

However, this characterization of rural space (as opposed to urban space) merely in terms of population size, diversity of functions and uneven intensity of its trade is just a first step in economic development. It is valid so long as the city can still absorb not only the agricultural production, but also those people who leave the countryside and its hard, unrewarding lifestyle behind. According to how the process of global economic development is speeded up, new elements can counterbalance the «urban attraction» through the phenomena of «urban diffusion». Access to fast and efficient means of transport, together with an improvement in the quality of life, can lead to the spread of the city to the countryside in question. Thus, activities so far considered urban are ruralized and the rural space itself changed from its classic agricultural nature to a new residential, industrial and commercial area.

The increase in the number of rural settlements, better standards of living, greater purchasing power on the part of the residents (allogeneous or not ...) and the growing demand for a better quality of life are just some of the factors which favour the development of tertiary activities in rural areas.

This work deals with the tertiarization of rural areas and analyses the tertiarization of peri-urban areas, focusing particularly on the city of Coimbra.

1 — ESPAÇO RURAL: DA AGRICULTURA À TERCIARIZAÇÃO

O espaço rural tem sido tradicionalmente identificado com actividade agrícola. Com efeito, a dicotomia rural/urbano assenta no pressuposto de que ao espaço rural, domínio de agricultores, se opõe o espaço urbano animado por industriais, comerciantes e prestadores de serviços.

O espaço rural tem sido definido, pela sua extensão e fraca densidade demográfica. Com uma certa ironia, J. Klatzman afirmava: «o espaço rural é aquele em que o homem do século XX ainda dispõe de espaço»¹ ... Por outro lado, a pequena dimensão dos aglomerados populacionais tem também sido apontada como indicador de ruralidade. Assim, ao habitat mais ou menos disperso, com casas isoladas ou agrupadas em comunidades de pequena dimensão que caracteriza o espaço rural, opõe-se a grande concentração de pessoas e actividades em áreas relativamente reduzidas, o espaço urbano. Ora, «a aglomeração dos homens num espaço restrito favorece uma intensa divisão do trabalho e uma acentuada especialização de tarefas» (R. BADOUIN, 1971, p. 369) contribuindo,

¹ J. Klatzman — *Geographie Agricole de la France, Que sais Je?* n.º 1585, P.U.F. Paris, 1975, p. 16.

deste modo, para a afirmação de determinadas funções centrais e actividades raras, as quais por sua vez permitem a hierarquização dos centros.

Assim, à diversidade e heterogeneidade funcional do espaço urbano corresponde a unidade e homogeneidade funcional do espaço rural. Ora, esta diferença, no que se refere ao conteúdo dos dois espaços, condiciona o funcionamento e a dinâmica dos mecanismos económicos que aí se manifestam (R. BADOUIN, 1979, p. 369).

— Enquanto no espaço rural se localiza, em regime de quase exclusividade, a actividade agrícola, o campo vive em economia quase fechada, apenas mantendo algumas ligações com a cidade mais próxima, onde os agricultores vão vender os seus produtos ou pagar as suas rendas e impostos. Estes são quase autosuficientes no que se refere a produtos alimentares ou bens de consumo. Na realidade, a policultura que mantêm, assegura-lhes o abastecimento do agregado familiar em produtos agrícolas, enquanto a transformação doméstica de alguns desses produtos, lhes permite dispensar a recorrência a outrem, (produziam o vinho, confeccionavam o pão, o queijo, os enchidos, etc.).

Apenas adquiriam alguns bens pessoais de primeira necessidade, que não podiam produzir, como o vestuário (se bem que a tecelagem fosse uma actividade frequente no seio das famílias camponesas ...), o calçado, alguns factores de produção (instrumentos de trabalho e alfaias agrícolas) e alguns produtos alimentares de que não podiam abster-se e que não produziam — açúcar, café, etc..

Eram, no entanto, parcios nas suas compras já que o seu pecúlio era reduzido, as suas exigências mínimas e o seu espírito bastante avaro. Abasteciam-se normalmente na «venda» da aldeia onde encontravam de tudo, desde o sabão, às enxadas, passando pelas lousas e cadernos escolares.

1.1. Atracção urbana e êxodo rural

Entretanto, a cidade ia concentrando pessoas e actividades. As indústrias nascentes, que tinham optado por uma localização urbana, atraíam alguns camponeses (artesãos e, depois, agricultores). Eram os mais ambiciosos — menos conformados com a sua «sorte» — ou os mais pobres, que pouco tinham a perder com a mudança.

Abandonam os campos, as suas terras e as suas casas e fixam, muitas vezes definitivamente, residência na cidade. Vão ocupar as habitações de renda mais económica e, conseqüentemente, as mais degradadas e insalúbres. Vão engrossar a multidão de operários não especializados, pequenos comerciantes ou prestadores de serviços domésticos.

Este efeito de atracção da cidade sobre os campos envolventes mantém-se, enquanto o progresso dos meios de comunicação não permite ligações mais rápidas e acessíveis. À medida que se começam a difundir os meios de transporte, de início os públicos e depois os particulares (não podemos esquecer o papel dos veículos de duas rodas, mesmo os não motorizados ... nas periferias urbanas), estabelecem-se novas relações entre a cidade e o campo que a envolve. São relações mais frequentes, diárias em vez de hebdomadárias, que têm na sua base não o êxodo rural mas sim o êxodo agrícola, frequentemente parcial. É nesta fase, sensivelmente por meados do século, que começam a surgir os «operários camponeses», os quais constituem importante elo de ligação entre o campo e a cidade.

A melhoria das vias de comunicação e dos transportes, em qualidade e em quantidade, acelera o processo simbiótico entre o espaço rural e o espaço urbano. As áreas periurbanas são as primeiras a sentir os efeitos do aumento da frequência dos contactos.

As mentalidades, os costumes e até o modo de vida dos camponeses começam a mudar. É certo que esta mudança é, no início, mais ou menos lenta e gradual mas, quando a acção cultural uniformizante dos meios de comunicação social se faz sentir, o processo acelera-se, deixando de se assistir a uma transformação gradual (da morfologia, da economia e da sociedade rural) para observarmos uma verdadeira mutação das áreas rurais periurbanas. Mutações sensíveis não só ao nível dos hábitos e costumes das populações, mas também do uso da terra, da economia agrícola praticada, da morfologia e da funcionalidade do espaço rural.

1.2. Difusão urbana e urbanização dos campos

À medida que o processo de desenvolvimento global da economia se acelera, manifestam-se forças que tendem a compensar a «atração urbana» por fenómenos de «difusão urbana» (A. BERGER, 1975, p. 102). A existência de meios de transporte rápidos e acessíveis (democratização do uso do automóvel e melhoria dos transportes públicos rodoviários), conjugada com o congestionamento do espaço urbano levam à «explosão» da cidade para o campo envolvente.

Fenómeno sensível, através da crescente procura de residência por parte de cidadãos, normalmente casais jovens que não podem suportar as pesadas rendas urbanas, ou de uma população alógena, de fracos recursos económicos, proveniente de áreas mais ou menos afastadas. O espaço rural começa pois, por afirmar-se como suporte residencial, na sequência da carência de habitação na cidade ou do elevado nível das suas rendas. A função residencial do espaço

rural surge assim, no início, como uma «solução de recurso», (R. BADOUIN, 1971, p. 61).

Mas, a este primeiro momento, seguem-se outros em que já não é a falta de alojamentos na cidade que determina a vinda para o espaço rural, mas sim uma opção deliberada por este tipo de residência.

A «difusão urbana» nos campos traduz-se também pela implantação rural de actividades industriais, as quais optaram por essa localização, condicionadas por factores de índole diversa e dos quais apenas enumeraremos a escassez do espaço no centro urbano e as disponibilidades de mão-de-obra, ainda existentes no espaço rural.

Aliada à «invasão» residencial e industrial e, normalmente na sua sequência, encontra-se a difusão rural de actividades comerciais e de serviços.

1.2.1. *Importância crescente das actividades terciárias na dinâmica do desenvolvimento rural*

A implantação rural de actividades comerciais se, por um lado, visa satisfazer a procura crescente e cada vez mais diversificada de uma clientela em expansão, por outro relaciona-se com as exigências de um comércio urbano, carenciado de espaço e capacidade de manobra — o comércio por «grosso».

A primeira condicionante leva à localização no espaço rural de um relativamente elevado número de actividades comerciais, que só agora se justificam em função do aumento do número de residentes e da melhoria do seu poder de compra.

Estão nesta situação os estabelecimentos comerciais mais especializados, que vendem produtos que não poderão ser considerados de primeira necessidade e cuja procura é menos frequente.

Por vezes, os estabelecimentos comerciais sobrepõem-se a actividades pré-existentes. São disso exemplo as lojas dirigidas por técnicos (electricistas, canalizadores, etc.) que não se contentando em executar meras operações de instalação, manutenção ou reparação, optam por vender os produtos correspondentes à sua especialidade. Encontrámos na área periurbana de Coimbra alguns casos exemplificativos.

Por outro lado, são também frequentes as transformações de estabelecimentos comerciais mais antigos, de modo a responderem às actuais solicitações da procura — as «vendas» e tabernas advêm minimercados e cafés.

De facto, a evolução sofrida por alguns estabelecimentos comerciais, há muito implantados em localidades rurais, reflecte bem as transformações nelas operadas, em termos consumistas. Assim, registámos, na periferia da cidade

de Coimbra, um caso bastante elucidativo: Uma taberna aberta na década de 40, dá lugar a um café nos anos 70, o qual, por sua vez, vai dar lugar a um «clube de vídeo», em 1990.

Um outro tipo de comércio frequente no espaço rural é o que, de certo modo, se relaciona com a exploração agrícola à qual fornece factores de produção, tais como: sementes, adubos, pesticidas, etc. São postos de venda, na generalidade dos casos, sediados na residência do comerciante, o qual exerce a sua actividade a tempo parcial e como complemento da sua profissão principal.

Enfim, estabelecem-se no espaço rural uma série de actividades comerciais que se desenvolvem paralelamente ao aumento das necessidades das famílias ou das explorações e que reflectem a inserção nas sociedades rurais de padrões de consumo urbanos em concomitância com a progressiva desagregação da economia agrícola camponesa.

A este primeiro tipo de implantação comercial, juntou-se um outro, directamente relacionado com os efeitos de «difusão» urbana. Ele diz respeito à instalação no espaço rural de estabelecimentos comerciais que tinham antes uma localização preferencialmente urbana.

Este tipo de implantação responde a diversas necessidades:

— a primeira é a de dispôr de uma superfície relativamente grande, para armazenagem, ou exposição dos produtos, a qual escasseia no centro urbano atingindo, por isso, preços incomportáveis. As áreas rurais da periferia urbana, em especial as que se situam na imediata proximidade das vias de comunicação, oferecem óptimas condições quer em termos de disponibilidade de espaço quer de acessibilidade.

Daf que, a Sul de Coimbra, ao longo da EN n.º 1, se tivessem instalado vários estabelecimentos comerciais de dimensão considerável, que têm uma clientela vasta, espacialmente diversificada (alguns abastecem toda a zona centro do país). Estão nesta situação estabelecimentos grossistas de comércio alimentar, de produtos de higiene ou farmacêuticos, congelados, etc., alguns organizados em regime de cooperativa.

Também aqui encontramos outros estabelecimentos, nomeadamente de mobiliário e equipamentos de jardim que, para além de precisarem e de aqui disporem de amplas superfícies para exposição dos seus artigos, beneficiam ainda da proximidade de importante eixo rodoviário, já que grande parte da sua potencial clientela utiliza o automóvel como meio de comunicação privilegiado.

Em resumo, actualmente a implantação rural de actividades comerciais processa-se segundo duas dinâmicas distintas: a primeira traduz-se na abertura, em certas localidades rurais, de estabelecimentos de «tipo urbano» que respondem ao aumento e à diversificação da procura da população residente (alógena

ou não); a segunda resulta da mudança de localização (do centro urbano para o espaço rural periférico) de um comércio mais exigente em termos de disponibilidade de espaço e boa acessibilidade. No primeiro caso estão subjacentes factores inerentes à própria sociedade rural (evolução demográfica, mudanças culturais e socio-económicas, etc.); no segundo, a terciarização rural opera-se na sequência da saturação urbana, em pessoas e actividades, e assenta na conseqüente escassez de espaço no centro da cidade.

1.2.1. *Os serviços: sua importância no âmbito do desenvolvimento rural*

Durante muito tempo foram poucas as actividades de serviços implantadas no espaço rural. Apenas aí encontrávamos estabelecimentos de «ensino primário», serviços religiosos, raros serviços sociais e serviços administrativos (Casas do Povo, Juntas de Freguesia). Actualmente, também os serviços se difundem nos campos, minimizando-se assim, a distância, em termos funcionais, entre espaço rural e espaço urbano.

No âmbito dos serviços de educação, para além das já existentes escolas do ensino básico, regista-se um crescimento significativo do número de estabelecimentos de ensino infantil no espaço rural. Por outro lado, o congestionamento das escolas urbanas levou à criação ou ampliação de estabelecimentos do ensino secundário na periferia da cidade (Taveiro, Cernache, Pedrulha, são alguns exemplos).

Também os serviços de saúde optam, frequentemente, por uma localização rural — o Hospital dos Covões, os serviços psiquiátricos do Hospital de Sobral de Cid em Ceira — são exemplos pioneiros. Actualmente, também os centros de terceira idade tendem a procurar os campos (Casa de Repouso de Cernache, aberta em 1987). Mas, enquanto para estes os factores condicionantes da localização são de facto inerentes ao espaço rural (espaços verdes, sossêgo, disponibilidade de espaço, mais baixo preço dos terrenos, mais liberdade de movimento, etc.), para os primeiros eles resultaram da própria natureza dos serviços que exigiam, principalmente isolamento e afastamento social.

Actualmente a implantação rural das actividades de serviços tem vindo a crescer na generalidade das áreas periurbanas. São essencialmente serviços de «consumo»¹ onde se reflectem, contudo, as mudanças das condições económicas e sociais das comunidades rurais e a concomitante «urbanização» do seu modo de vida — cabeleireiros, serviços de transporte, serviços de repara-

¹ Por serviços de consumo entendem-se as actividades de serviços que correspondem à procura final dos consumidores: educação, saúde, administração pública, etc. (Michel Quévit, *Le Paris de l'industrialisation Rurale* ERESA, Paris, p. 51.

ções, etc. surgem e desenvolvem-se nas freguesias limítrofes da cidade. Quanto à instalação de serviços de «produção»¹ que acompanha o avanço do processo de urbanização e, principalmente a difusão da função industrial, não assume ainda significado muito relevante.

2 — A TERCIARIZAÇÃO NA PERIFERIA DE COIMBRA: ANÁLISE DE CASOS

Baseando-nos em critérios de distância e acessibilidade ao centro urbano, seleccionámos, no espaço periurbano de Coimbra, áreas amostra onde procedemos à análise da implantação rural das actividades terciárias. Privilegiámos dois eixos rodoviários: o de Coimbra, Taveiro, Arzila (EN 110-2, que dá ligação à EM 605) e a estrada Nacional N.º 1, a Sul de Coimbra. Ao longo do primeiro eixo referido situam-se três das sedes das cinco freguesias escolhidas para estudo da temática referenciada: S. Martinho do Bispo, Taveiro e Arzila; ao longo do segundo localizam-se as de Antanhol e Cernache (fig. 1).

Feito o levantamento dos estabelecimentos existentes nas áreas consideradas², procedemos à investigação de campo através do lançamento de um inquérito junto dos estabelecimentos de comércio e serviços³. Foram inquiridos 139 estabelecimentos localizados, respectivamente: 56 em S. Martinho do Bispo, 38 em Taveiro, 12 em Arzila, 14 em Antanhol, 19 em Cernache.

2.1. Classificação dos estabelecimentos por ramos de actividade

Começaremos por caracterizar os estabelecimentos relativamente ao ramo de actividade onde se inserem. Apesar de seguirmos a CAE, decidimos agrupar as unidades de comércio e serviços em três grandes grupos: 1 — *estabelecimentos comerciais do ramo alimentar*; 2 — *estabelecimentos comerciais de produtos não alimentares*; 3 — *serviços*.

¹ Os serviços de produção englobam as actividades que servem directamente as empresas: a banca, os seguros, os serviços às empresas, os transportes e as comunicações.

² Utilizámos como fontes de informação: *Anuário da ACIC* — Associação Comercial e Industrial de Coimbra, Coimbra, 1990; *Lista Telefónica Nacional 1990-91* — Região Centro; *Lista do Código Postal* — Giro de Compras — 1990, ed. ITT (Portugal) Serviços e Comunicações, SA, Lisboa 1990.

³ O inquérito foi lançado no âmbito das aulas práticas da cadeira de Geografia Rural (Ano lectivo de 1990-91).

nas áreas rurais profundas podem, na generalidade dos casos, ser integrados no ramo alimentar, (apesar de também venderem bens ou produtos de outra natureza...). Eram as «lojas» ou «vendas» — estabelecimentos polivalentes onde encontrávamos quase tudo o que era necessário à subsistência de uma família camponesa.

A estas «vendas» sucedem as mercearias e tabernas, espaço de comércio e também de convívio. Mais tarde, já na segunda metade do século XX, aquelas dão lugar aos minimercados e cafés — estabelecimentos que embora desempenhando essencialmente as mesmas funções dos que os precederam, reflectem já uma certa uniformização das relações, quer a nível comercial quer pessoal.

Enquanto o processo de urbanização e a concomitante transformação económica e funcional não se evidenciou continuaram a predominar nos campos os estabelecimentos comerciais do ramo alimentar.

É, contudo, conveniente sublinhar que, obviamente, nem todos os estabelecimentos comerciais do ramo alimentar poderão ser considerados símbolos representativos de uma sociedade tradicional. De facto, também neste ramo comercial se tem assistido a uma progressiva e acelerada diversificação, a qual visa satisfazer a procura de uma clientela cada vez mais exigente, não só em quantidade como em qualidade e «novidade». Alguns desses estabelecimentos poderão mesmo simbolizar a actual sociedade de consumo (croissanteries, gelatarias...).

Por outro lado e ainda no âmbito do comércio alimentar, há que distinguir entre o comércio alimentar a retalho e o comércio alimentar por grosso, os quais têm repercussões bastante diversas na organização do espaço onde se inserem...

Apesar da grande heterogeneidade que caracteriza o comércio do ramo alimentar optámos por manter esta subdivisão uma vez que nos parece ser a que melhor se adapta à análise que pretendemos fazer da terciarização dos espaços rurais. De facto, a heterogeneidade deste ramo da actividade comercial reflecte em si mesma o avanço da mutação dos ditos espaços.

No que se refere aos estabelecimentos de comércio não alimentar é evidente que tendem também a diversificar-se e multiplicar-se à medida que avança o processo de urbanização dos campos. Assim, encontramos já, nas áreas rurais mais urbanizadas, estabelecimentos comerciais bastante especializados e de procura rara (ourivesarias, relojoarias, lojas de artigos de pesca, etc.) o que indicia o aumento e a diversificação da clientela.

Ora a composição deste segundo grande grupo que estabelecemos (e que se poderá traduzir pelo número de estabelecimentos, diversidade e grau de especialização dos mesmos) indicia o estágio evolutivo da actividade comercial e, conseqüentemente, reflecte o avanço da terciarização nas áreas onde se localiza.

Por outro lado, a junção de todos os estabelecimentos de comércio não alimentar num único grupo manifesta-se um método de análise especialmente

útil para aquelas áreas onde aquele tipo de comércio tem menor representatividade, tornando-se, assim, difícil o seu estudo (em classes isoladas) sem entrarmos dentro do domínio da casuística.

Quanto aos serviços, apesar de os termos englobado também apenas num grupo, convém referirmos a natureza exacta dos mesmos. Com efeito, enquanto no espaço rural tradicional predominam os «serviços de consumo» os quais englobam actividades que respondem à procura final dos consumidores (serviços de educação, saúde, religiosos, administração pública, etc.), nas áreas rurais mais urbanizadas evidencia-se já uma evolução orientada para os «serviços de produção» ou seja actividade mais directamente voltadas para as empresas (banca, seguros, transportes e comunicações, serviços às empresas, etc.). Teremos em consideração este facto na análise a que procederemos.

2.2. Implantação rural do comércio por grosso

O comércio por grosso começa a implantar-se na periferia de Coimbra a partir de finais da década de setenta, tendo a maior parte das unidades inquiridas sido fundadas no decénio de oitenta.

A sua localização processa-se em função da proximidade urbana, conjugada com boas condições de acessibilidade e aproveitando a disponibilidade de espaço ainda existente nos campos.

Desta forma, não nos surpreende que uma das áreas preferenciais de difusão dos estabelecimentos de comércio por grosso seja a que se estende ao longo da EN n.º 1, eixo Coimbra-Sul (Variante de Cernache). De facto, cerca de 30% dos estabelecimentos inquiridos na área de Antanhol são unidades redistribuidoras, na sua maioria de produtos alimentares (carnes, lacticínios, gelados ...); têm uma área de mercado que se estende à região centro, mas servem em particular a área de Coimbra.

Também no eixo Coimbra-Taveiro se encontram alguns estabelecimentos grossistas mas essencialmente localizados na imediata periferia urbana (S. Martinho do Bispo); nas freguesias rurais mais distantes (Arzila) não se registou mesmo a ocorrência de qualquer estabelecimento deste tipo.

2.3. Que comércio a retalho nas áreas rurais?

O comércio a retalho, que responde à procura final dos consumidores directos é, sem dúvida, o que tem maior representatividade nos espaços rurais mas... que ramos comerciais? Vejamos:

2.3.1. Comércio a retalho do ramo alimentar

Pelas razões já anteriormente aduzidas, são os estabelecimentos comerciais do ramo alimentar que ocorrem, com maior frequência, nos campos.

De facto, na generalidade das freguesias consideradas, a maioria dos estabelecimentos vendem produtos alimentares e/ou bebidas. Assim, em S. Martinho do Bispo eles correspondem a cerca de 50% do total de estabe-

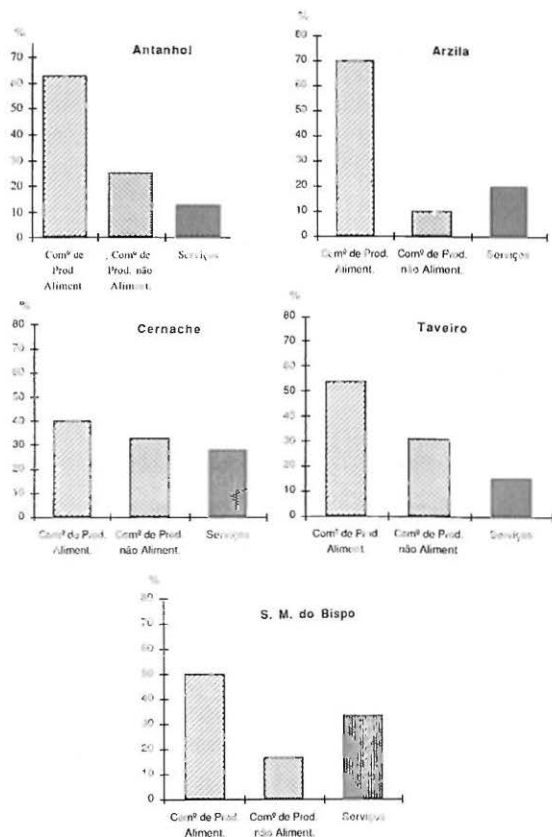


FIG. 2 — Estabelecimentos de Comércio e Serviços.

lecimentos; em Taveiro representam 54%; Arzila, 70%; Antanho, 63%; Cernache, 40% (fig. 2).

A análise global destes valores permite-nos sublinhar que o comércio alimentar, largamente predominante nas áreas rurais, tende a regredir, em termos relativos, à medida que, nos campos, avança o processo de urbanização. Deste modo, não nos surpreende que S. Martinho do Bispo e

Cernache¹, áreas onde se evidencia uma acelerada mutação social e funcional, detenham as mais baixas percentagens de estabelecimentos comerciais do ramo alimentar.

2.3.1.1. *Que comércio alimentar?*

Recorremos à C.A.E. para analisar com mais detalhe o nível de especialização dos estabelecimentos de venda a retalho de produtos alimentares.

Em todas as freguesias em estudo, as mercearias (6 201.4.0.) correspondem a uma parcela mais ou menos importante do comércio alimentar. A sua ocorrência (em termos relativos) é, no entanto, mais frequente nas áreas rurais menos desenvolvidas (tendo como padrão a sociedade urbana...). Com efeito, elas representam cerca de 50% dos estabelecimentos do ramo alimentar em Arzila, enquanto em Taveiro correspondem a 35%, em S. Martinho a 23%, em Cernache a 15% e em Antanhol a 12%.

É também comum a todas as freguesias a ocorrência de «minimercados», pequenos estabelecimentos à dimensão da procura rural, onde predomina a venda de produtos alimentares; na sua origem estão, frequentemente, antigas mercearias que, deste modo, se adaptaram às exigências da actual sociedade de consumo, viabilizando o «self service» a uma clientela que já não necessita da loja como espaço de convívio social. É importante sublinhar que a freguesia onde registámos maior percentagem de minimercados foi a de S. Martinho do Bispo (correspondem a 41% dos estabelecimentos do ramo alimentar) facto que, se por um lado, reflecte a necessária modernização e actualização de anteriores pontos de venda, também representa uma resposta ao aumento da procura por parte de uma população em crescimento acelerado.

É também notória uma certa tendência evolutiva no sentido da especialização do comércio alimentar, mais sensível nas áreas onde o processo de urbanização do espaço está mais avançado. De facto ao lado das típicas mercearias e tabernas surgem pastelarias, peixarias, frutarias ou modernos «snacks». As mudanças operadas reflectem os novos hábitos da população residente, alógena ou não, aos quais está associada uma procura qualitativa cada vez mais diversificada.

De salientar que na freguesia de Arzila, onde o carácter rural prevalece, não encontramos qualquer estabelecimento (do ramo alimentar) espe-

¹ Relativamente a Cernache, estes quantitativos talvez estejam um pouco sobrevalorizados pelo facto de os inquéritos efectuados terem incidido sobretudo na sede de freguesia e lugares limítrofes. Oportunamente procederemos à sua rectificação mediante o levantamento das actividades terciárias nos restantes lugares da freguesia.

cializado — subsistem as mercearias e começam a aparecer os minimercados, aos quais se associa, por vezes, o «café».

2.3.2. *Comércio a retalho de produtos não alimentares*

Apesar da sua tradicional falta de representatividade rural, o comércio de produtos não alimentares começa a assumir uma certa relevância na «região urbana». Assim, nas áreas consideradas, os seus valores relativos oscilam entre 33% (Cernache) e 10% (Arzila). Mas... que ramos comerciais e qual o seu nível de heterogeneidade?

Apenas o comércio a retalho de móveis e equipamento doméstico (incluindo electrodomésticos) é comum a todas as freguesias. Segue-se, em termos de frequência, o comércio de pronto-a-vestir e calçado (apenas não registámos a ocorrência de lojas de confecção e pronto-a-vestir na freguesia de Antanhol).

Nas freguesias de S. Martinho do Bispo, Taveiro e Cernache tem-se vindo a assistir, desde início da década de oitenta, a uma crescente especialização das actividades comerciais, em geral, e do comércio não alimentar, em especial. Assim, encontramos naquelas freguesias estabelecimentos de venda de bens de procura ocasional ou considerados mesmo supérfluos nos meios rurais tradicionais (floristas, por exemplo) ou de artigos de luxo e, conseqüentemente, de procura pouco frequente (ourivesarias). A existência de outros estabelecimentos comerciais tais como: lojas de ferragens, de artigos de caça e pesca, de louças e decorações, de artesanato, papelarias, etc. evidenciam claramente as mudanças operadas a nível das mentalidades, dos usos e costumes da população rural sob influência urbana.

2.3.3. *A recente implantação de novas actividades de serviços no espaço rural*

Para além dos serviços que tradicionalmente encontramos nos campos (de educação, religiosos, de administração local...) começam também a adquirir, aí, algum significado os serviços de consumo, destinados a satisfazer a procura final do consumidor directo.

Na área estudada são as freguesias mais urbanizadas (S. Martinho, Taveiro e Cernache) que apresentam maior diversidade de serviços — desde os serviços de reparação (de automóveis, de aparelhagem eléctrica, etc.) até aos prestadores de serviços pessoais (cabeleireiros).

Outros serviços, nomeadamente de saúde já antes tinham optado por uma localização rural. Entre estes temos a distinguir dois tipos: os que visam satisfazer uma procura local e os que estão voltados para o exterior. Estes, apesar

do seu hipotético impacto na área onde se instalam (a nível de oferta de emprego, por exemplo) ultrapassam largamente o âmbito das comunidades locais (Hospital dos Covões, em S. Martinho do Bispo).

Não são ainda muito frequentes no espaço rural os «serviços de produção», essencialmente serviços de apoio às empresas (banca, seguros, serviços de contabilidade e gestão, de informática, etc.) os quais, de um modo geral, continuam a manter uma localização urbana. A excepção verifica-se em S. Martinho, onde o avanço do processo de urbanização condiciona e justifica a instalação de alguns serviços de produção, tais como agências bancárias e seguradoras.

2.4. Terciarização? Desde quando?

Foi no último decénio que se operou notável expansão das actividades terciárias. Com efeito, o crescimento económico tem vindo a modificar a estrutura social das regiões rurais. Assim, novas procuras sociais manifestam-se no seio das comunidades rurais e em domínios tão vitais como a saúde, a educação, a cultura, etc. (M. QUÉVIT, 1986, p. 31).

O aumento da população rural especialmente notório nas periferias urbanas, condiciona a procura no sentido de uma melhor qualidade de vida — melhores condições de alojamento, de conforto, de alimentação, etc. Concomitantemente com este processo mutacional implantam-se no espaço rural novas actividades de comércio e serviços o que contribui para acentuar a crescente heterogeneidade do tecido económico das áreas rurais periurbanas.

Através do gráfico da fig. 3 poderemos comparar a situação das diversas freguesias consideradas no que concerne à data de abertura dos estabelecimentos de comércio e serviços: em todas elas é notório o «boom» da década de oitenta, apenas em S. Martinho do Bispo se operou um aumento mais gradual. Com efeito, a difusão urbana para aquela área iniciou-se mais cedo e com maior intensidade, o que motivou a implantação de actividades de comércio e serviços já na década de setenta. De salientar também o facto de naquela freguesia não termos registado nenhum estabelecimento comercial cuja data de fundação fosse anterior a 1940, o que estará certamente relacionado com o dinamismo que anima o sector (pelo menos em termos relativos...) quer ao nível das mudanças de actividade comercial quer dos seus gestores, sendo aqui mais frequentes do que noutras áreas as transferências de propriedade ou de exploração, respectivamente por venda, arrendamento ou trespasse.

Ao invés, na freguesia de Arzila é relativamente elevada a percentagem de estabelecimentos fundados antes de 1940. São as típicas «vendas» que advieram mercearias. Passaram, por herança, de pais para filhos e manteve-

ram-se fiéis à polivalência que, desde início, as animou. Também nesta freguesia se operou nítido crescimento das actividades terciárias no decénio de oitenta.

Nas restantes freguesias a implantação de estabelecimentos de comércio e serviços processou-se de uma forma mais ou menos lenta e gradual até finais

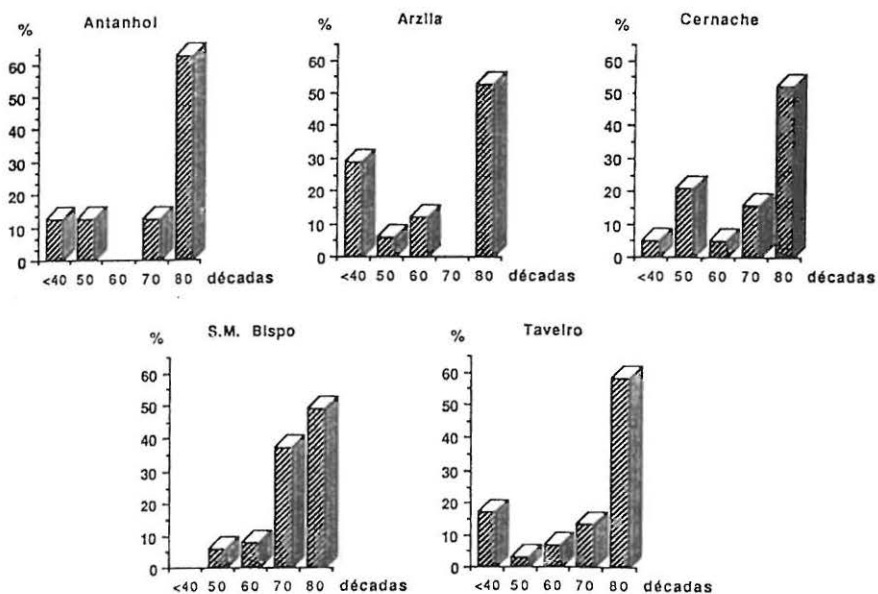


FIG. 3 — Data de Abertura dos Estabelecimentos.

dos anos setenta, registando-se sensíveis quebras no decénio de sessenta nas freguesias de Cernache e Antanho. Este facto poderá estar relacionado com uma certa recessão económica, aliada ao êxodo que afectou as camadas mais jovens da população activa (emigração, guerra colonial) o que reduziu a procura e desincentivou os hipotéticos investidores.

Na generalidade das áreas em estudo os anos oitenta marcaram o arranque no sentido da terciarização.

CONCLUINDO:

O espaço rural, tradicionalmente identificado com a actividade agrícola, tem sofrido nos últimos anos, sensíveis transformações.

De facto, o avanço do processo de urbanização dos campos, considerado nas suas diversas manifestações, tem vindo a provocar uma aceleração das mutações da sociedade rural e uma modificação mais ou menos rápida das condições económicas e sociais dos rurais.

Este fenómeno não se tem contudo manifestado com a mesma intensidade em todas as áreas, havendo mesmo variação dentro de uma região, mas tende a expandir-se cada vez mais. (J. M. CUSSET, 1975).

A terciarização dos espaços rurais periurbanos que acabámos de abordar se, por um lado, é uma resultante do processo de urbanização, por outro constitui um bom indicador do avanço desse mesmo processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BADOUIN, Robert, *Économie et aménagement de l'espace rural*, Presses Universitaires de France, Paris, 1979.

BERGER, Alain, *La nouvelle économie de l'espace rural*, Éditions Cujas, Paris, 1975.

CUSSET, J. M., *Urbanisation et activités agricoles*, C.N.R., Paris, 1975.

FARCY, Henri de, *L'espace rural*, Presses Universitaires de France, Paris, 1975.

QUÉVIT, Michel, *Le pari de l'industrialisation rurale*, Éditions Régionales Européennes S.A., Genève, 1986.